

A INFLUÊNCIA DA DIVERSIDADE ÉTNICO-CULTURAL – A CULTURA ÁRABE EM FOZ DO IGUAÇU, PARANÁ

THE INFLUENCE OF ETHNIC-CULTURAL DIVERSITY – THE ARAB CULTURE IN IGUASSU FALLS, PARANÁ

Ana Solange Biesek¹

Amineh Ali Abdallah²

RESUMO

Este estudo, intitulado: A influência da diversidade étnico-cultural – a cultura árabe em Foz do Iguaçu, Paraná, que propõe-se verificar e analisar a influência das diversidades étnico-culturais encontradas no destino turístico, especialmente a cultura árabe bem como sua contribuição para o desenvolvimento do município. A etnicidade árabe em Foz do Iguaçu é composta por sírios, palestinos em sua maioria por libaneses, transformando a cidade na segunda maior colônia árabe do Brasil. Conceitos como turismo cultural, diversidade cultural, etnicidade, patrimônio e planejamento, fundamentais para a construção do referencial teórico. A pesquisa de campo possibilitou aprofundar o conhecimento sobre a cultura árabe assim como sua história e a importância da religião Islâmica para os árabes que é considerada mais que uma religião, uma conduta de vida para seus seguidores. Após a análise dos dados levantados verificou-se a importância da implantação de um Centro Cultural Árabe com o objetivo de oferecer a comunidade local e aos turistas participação ativa do intercâmbio cultural entre os povos.

Palavras-chave: Turismo Cultural, Cultura Árabe, Foz do Iguaçu.

ABSTRACT

This study, the influence of ethnic-cultural diversity – the Arab culture in Iguassu Falls, Paraná, presents a research and analysis of how ethnic-cultural diversity may influence the determined tourism destination, using the Arab culture and its contributions to the development of Iguassu Falls as an illustration. In Iguassu Falls, the Arab ethnicity is composed by Syrians, Palestinians and Lebanese – in its majority – making it the second biggest Arab colony in Brazil. Concepts such as

¹ Bacharel e Mestre em Turismo (UNIOESTE/UCS), Doutoranda em Geografia UFPR, Docente da União Dinâmica de Faculdades Cataratas. E-mail: ana.biesek@bol.com.br.

² Bacharel em Turismo, União Dinâmica de Faculdades Cataratas.

cultural tourism, cultural diversity, ethnicity, heritage and planning were all essential for the formation of a theoretical frame of reference. Research in this area has also allowed room for a more in-depth understanding of Arab culture as well as its history and the importance of the religion of Islam for the Arabs, which is considered to be more than a religion, perhaps a lifestyle for its followers. After analyzing the data collected it was possible to confirm the importance of building an Arab Cultural Centre with the aim of offering the local community and tourists, an active participation in cultural exchange between peoples.

Key-words: Cultural Tourism, Arabian Culture, Iguassu Falls.

Introdução

A diversidade étnico-cultural tem despertado o interesse do turismo, possibilitando ao visitante, aspectos culturais distintos de seu cotidiano, sem precisar recorrer a longos deslocamentos. Certos grupos mostram, através de sua história, a capacidade de permanecerem fiéis aos traços de sua cultura.

Não são somente as riquezas naturais e atrativos turísticos que impulsionam o turismo, mas também, as diversas culturas e etnias que os turistas encontram na cidade. Foz do Iguazu conta com 311.336 habitantes, abrigando 80 das 192 nacionalidades existentes no mundo (IBGE, 2007), dentre eles japoneses, chineses, coreanos, franceses, bolivianos, chilenos, árabes, marroquinos, portugueses, indianos, ingleses, israelenses e tantas outras nacionalidades, sem contar ainda paraguaios e argentinos. Desse encontro de culturas, se constitui a identidade cultural iguaçuense, devido à diversidade étnica e sua influencia e contribuição para a comunidade.

A paisagem cultural local é marcada por uma grande mistura étnica, de todas as etnias presentes na cidade, a árabe, em sua maioria composta por libaneses, sírios e palestinos, pode ser considerada das mais expressivas, tanto em número de indivíduos – 12.000 árabes – como pela grande presença demonstrada nas: mesquitas, comércio, restaurantes, clubes e a própria comunidade árabe. Além disto, a cidade também é sede da maior Mesquita da América Latina, chamada “Omar Ibn Khatab”.

O Objetivo deste estudo é verificar a representatividade das diversidades étnico-culturais, enfocando a cultura árabe em Foz do Iguaçu, Paraná, com proposta de implantação de um centro interpretativo da cultura árabe objetivando representar e valorizar suas manifestações folclóricas culturais. O estudo foi realizado através de pesquisa empírica quantitativa e qualitativa, utilizando-se de pesquisa bibliográfica primária e secundária, pesquisa de campo e entrevistas informais com o intuito de verificar o interesse da colônia árabe de Foz do Iguaçu, na implantação de um local que possa valorizar e representar a colônia árabe, onde na cidade estima-se um total de 12.000 árabes, tendo grande destaque étnico cultural que influencia o cotidiano da comunidade local. As pesquisas foram realizadas com 350 integrantes, homens e mulheres com mais de 18 anos de idade, da colônia árabe participaram respondendo ao questionário, sendo a maioria dos entrevistados imigrantes libaneses e descendentes. Para complementar os dados coletados na pesquisa, foi realizada entrevista informal, no qual os integrantes da colônia árabe contribuíram com seus conhecimentos e interesse pela cultura.

Certos grupos mostram, através de sua história, a capacidade de permanecerem fiéis aos traços de sua cultura. Os árabes-muçulmanos na cidade de Foz do Iguaçu, estão ligados a duas historicidades, uma relacionada a sua origem étnica, no caso o árabe da etnia libanesa - Líbano tem destaque na pesquisa, uma vez que a maioria dos participantes que responderam ao questionário são nascidos neste país ou são descendentes e que até hoje mantém vínculos comerciais e afetivos com o mesmo – e a segunda está diretamente ligada aos preceitos religiosos - a religião Islâmica é um fator importante da representação árabe, pois muito do que o profeta Mohammad (S.A.A.S) fez e revelou é seguido na sua essência pelos muçulmanos.

A cidade de Foz do Iguaçu, de acordo com o Ministério do Turismo (2008), é o segundo destino internacional atraindo visitantes de vários países existentes, tendo um fluxo de vários povos, além de ter uma localização privilegiada, fazendo divisa com Paraguai e Argentina, dois países com culturas completamente distintas. Também está inserida no projeto Caminhos do Turismo Integrado ao Lago de Itaipu, juntamente com mais 15 municípios que margeiam o Lago de Itaipu, projeto capaz de fazer com que os turistas que visitam a cidade, ampliem sua estadia para

conhecer outros roteiros temáticos integrados criados na região: o Caminho das Águas, Caminhos Rurais e Ecológicos e Caminhos da Colonização, para divulgar os atrativos naturais e a diversidade cultural existente.

Nesse sentido, a diversidade étnico-cultural é fator preponderante de um destino turístico, é um dos segmentos que mais tem crescido, tendo em vista que é uma grande oportunidade dos povos valorizarem e propagarem suas manifestações históricas, artísticas e culturais. Partindo destes pressupostos é que se faz necessário, para tanto, identificar e avaliar as reais possibilidades de potencialização dessa diversidade cultural, especificamente a árabe no contexto turístico de Foz do Iguaçu, propondo a implantação de um centro interpretativo dessa cultura.

Turismo Cultural

A Pluralidade da cultura brasileira tem sido aclamada pelos governos e pela sociedade como uma das principais características do patrimônio do país, ao lado dos recursos naturais, o que pode significar para o turismo a possibilidade de estruturação de novos produtos diferenciados, com o conseqüente aumento do fluxo de turistas. O grande mérito dessa possibilidade é fazer do turismo uma atividade capaz de promover e preservar a nossa cultura. Nesse caso, a cultura e turismo configuram, em suas diversas combinações, um segmento denominado Turismo Cultural, que se materializa quando o turista é motivado a se deslocar especialmente com a finalidade de vivenciar aspectos e situações que podem ser considerados particularidades da cultura.

De acordo com Biesek (2004) a cultura é uma característica humana, presente em todos os povos, dos mais rudimentares aos mais avançados. Cada uma tem suas próprias características, cujas diferenças e contrastes a diferenciam de outras. Com o passar do tempo, a ação do homem deixou de ter como único alvo o domínio da natureza. Ao intervir na natureza para dela tirar o seu sustento e suprir suas necessidades, o homem aprendeu coisas em diferentes áreas, transformou, inventou, produziu e acumulou conhecimento.

Complementando com a idéia de Claval (2007, p.63): “a cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores

acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos que fazem parte”. Ainda com relação a este tema, segue o autor explicando que esta não se caracteriza por ser um conjunto imutável, mas que o manutenção dessa soma asseguraria a sobrevivência de um grupo. Pode-se afirmar, a partir dessa primeira compreensão, que a cultura mantém uma relação direta com a comunidade que a detém, mas que não está engessada ao tempo ou ao espaço, podendo mudar.

Turismo Cultural está relacionado com a motivação do turista, especificamente de vivenciar o patrimônio histórico e cultural e determinados eventos culturais, de modo a experienciá-los e preservar a sua integridade. Vivenciar implica essencialmente adquirir conhecimento e experiências participativas, contemplativas e de entretenimento, que ocorrem em função do objeto de visita.

Assim, é necessário a implantação de ações conjuntas, planejadas e geridas entre as áreas de turismo e de cultura, e de se contemplar o respeito à identidade cultural e à memória das comunidades na atividade turística. O patrimônio cultural, mais do que atrativo turístico, é fator de identidade cultural e de memória das comunidades, fonte que as remete a uma cultura partilhada, a experiências vividas, a sua identidade cultural, e deve ter seu sentido preservado.

De acordo com Biesek (2004), o patrimônio imaterial não necessita de proteção e conservação como os bens culturais móveis e imóveis, mas requer “identificação, reconhecimento, registro etnográfico, acompanhamento periódico, divulgação e apoio”, ou seja, “mais documentação e acompanhamento e menos intervenção” (p.19) o objetivo é manter o registro da memória desses bens culturais, pois é a única maneira de preservá-los. Numa definição simples, a interpretação é acrescentar valor a experiência de um lugar, por meio do fornecimento de materiais contendo informações e representações que realcem sua história e características culturais e ambientais.

São fundamentais no processo de interpretação e valorização do patrimônio, o desejo pessoal e local de relatar o passado histórico ou até mesmo de problemas atuais, bem como a coleta de evidências, significados e relações da história, a apresentação de lugares e objetos as pessoas, uma vez que orienta os visitantes visando também a proteção do objeto da visita.

Ao tratar da questão da etnia, Castells (1999) pondera que

Ao longo da história da humanidade a etnia sempre fora uma fonte fundamental de significado e reconhecimento. Trata-se de uma das estruturas primárias de distinção e reconhecimento social, como também de discriminação, em muitas sociedades contemporâneas [...]. Ela foi, e é, a base para o surgimento de revoltas nas luta por justiça social [...], ou do princípio irracional de purificação étnica [...]. Além disso, consiste, em grande medida, na base cultural que induz a formação de redes e a realização de transações lastreadas na confiança no novo mundo dos negócios. (CASTELLS, 1999, p.71).

Um grupo étnico é um grupo de pessoas que se identificam umas com as outras, ou são identificadas como tal por terceiros, com base em semelhanças culturais ou biológicas, ou ambas, reais ou presumidas. Os membros de grupos étnicos costumam conceber a sua identidade como algo que está fora da história do estado-nação – quer como alternativa histórica, quer em termos não-históricos, quer em termos de uma ligação a outro estado-nação. Esta identidade se expressa muitas vezes através de "tradições" variadas que, embora sejam frequentemente invenções recentes, apelam a uma certa noção de passado. O grupo étnico também pode ser considerado como um tipo organizacional próprio e culturalmente diferenciado de outros, seriam articulados por pessoas entre as quais houvesse laços históricos, principalmente familiares, tribais e de clãs.

Os Árabes no Brasil

A partir da metade do século XIX iniciou-se a expressiva emigração dos árabes para o Brasil, de acordo com Khatlab (1999), isso ocorreu principalmente a partir das duas visitas que Dom Pedro II fez ao Levante* (1871 e 1876) ambas de caráter privado, turístico e científico. Somente após a segunda visita do imperador brasileiro aos países árabes, em particular ao Líbano, que foi estimulada a vontade do povo daquela região a procurarem o Brasil, pois antes de retornar D. Pedro aprendeu o idioma árabe e retornou para falar do seu país, o que Khatlab (1999, p.37) afirma que o Imperador manifestou “o desejo de ver no Brasil o maior número de libaneses, prometendo-lhes toda proteção e assegurando-lhes voltarem prósperos e felizes”.

O Brasil acolheu grupos de imigrantes oriundos de diversos países, inclusive os imigrantes oriundos dos países árabes, mais precisamente os libaneses que a partir de 1880, uma grande leva deles chegou ao país, formando hoje a maior comunidade de origem libanesa no exterior, composta por libaneses e seus descendentes, a maioria deles vindos do Vale do Bekaa*, trazendo com eles pouca roupa, família, amigos e muitos sonhos.

Os primeiros emigrantes libaneses chegavam principalmente nos portos de Santos e Rio de Janeiro, praticamente sem nada, preparados para reiniciar suas vidas e lutar por uma melhor. Em busca de sobrevivência, esses emigrantes partiram para três regiões brasileiras que de acordo com Khatlab (1999, p.38) “viviam na época de grandes ciclos econômicos: Região Norte com o ciclo da borracha; Central, com o ciclo do minério; e Sul, com o ciclo do café”. Os libaneses atuaram principalmente como comerciantes, agricultores, lojistas e mercadores, concentrando-se principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro.

No Rio de Janeiro, também era grande o número de emigrantes árabes, permanecendo inicialmente da região da orla marítima, se instalavam em pequenas casas e trabalhando como comerciantes, estabelecendo suas primeiras lojas dando ao lugar aspectos orientais.

Gradativamente em São Paulo, a Rua 25 de março foi invadida pelos sírios e libaneses com suas lojas de armarinhos e acabaram entrando no comércio atacadista de tecidos, dominando maior parte da Rua 25 de março. Com o passar do tempo, os libaneses foram se fixando, constituindo família e integrando-se com a comunidade brasileira se espalhando pelas capitais, e pelo interior de todo o Brasil, aculturando-se e logo foram criando seus clubes com nomes libaneses, associações, escolas ensinando o árabe e religião, mesquitas, revistas e etc, influenciando a cultura brasileira e colaborando com o progresso do país e diferente de outros países de emigração, os libaneses adaptaram-se rapidamente e fizeram do Brasil sua segunda pátria.

Até hoje o número de imigrantes, neste caso libaneses, não é oficial, pois muitos já foram considerados turcos, os nomes foram trocados pelo fato de não denominarem a língua portuguesa, além de desembarcarem em portos de outros países ocasionando a separação de muitas famílias. De acordo com a Câmara de

Comércio Brasil-Líbano, o número de libaneses residentes no Líbano é bem menor que na América Latina.

Muitas pessoas não diferenciam os termos árabe e muçulmano e os utilizam como sinônimos, árabe se refere à cultura de pessoas providas do mundo árabe e muçulmanos seria referente aos seguidores do Islamismo. Attie Filho (2002) explica que árabe e islâmico não são sinônimos, assim como árabe e muçulmano também não são, pois existem muçulmanos que não são árabes e árabes que não são muçulmanos.

Segundo levantamentos, no Brasil haveria um milhão de muçulmanos espalhados pelo território nacional, sendo que as maiores comunidades se encontram nos estados de São Paulo, Distrito Federal, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Paraná, especificamente em Foz do Iguaçu (Khatlab, 1999). Foi a partir de 1990, durante a guerra civil no Líbano, que muitos libaneses imigraram para o Brasil, fato que perdura até os dias atuais, principalmente para Foz do Iguaçu onde se encontra a segunda maior comunidade árabe no país.

Cultura Árabe

A palavra Islam significa entrega, reconhecimento e encaminhamento pelos mandamentos de Deus e suas recomendações; é uma doutrina divina formada de uma ideologia na qual surge a unificação a todos os interesses da vida, individual ou social, lidos e espaços culturais, políticos, educacionais, etc.

É o resumo de todas as mensagens celestiais e tem como base o Alcorão Sagrado³. O objetivo desta mensagem é ligar Deus ao ser humano e baseado nisso, ele deverá preencher todos os campos de sua vida. Para se tornar muçulmano basta apenas proferir o testemunho: “La illaha ilallah, Muhammad rassulloh Ilah”, em língua árabe, o que significa que não há outra divindade além de Deus, e que o Profeta Muhammad é seu mensageiro.

³ O Alcorão, o livro sagrado, é único e utilizado por todos os muçulmanos, independente de sua escola, sunitas, xiitas ou drusos e é a primeira fonte para dogmas islâmicos no qual orienta os muçulmanos a viver de acordo com as normas e condutas islâmicas. Uma das diferenças entre a composição do Alcorão em relação à Torá e à Bíblia, para Attie Filho (2002, p.110), foi o fato de o primeiro ter sido revelado a um só homem e ter sido registrado poucos anos depois de sua morte.

Todo muçulmano tem seus deveres e estes devem ser praticados, são eles: a Oração, cinco orações diárias obrigatórias, e as orações são praticadas na alvorada, ao meio dia, no meio da tarde, ao crepúsculo e a noite; o Jejum, praticado durante o mês do Ramadan, todos jejuam desde a alvorada até o pôr-do-sol, abstendo-se de comida, bebida e relações sexuais, só podem quebrar o jejum os que estão doentes, se for idoso, estiver viajando, mulheres grávidas e se estiver amamentando, mas devem jejuar o mesmo número de dias em outra época do ano; o Hajj* , é a peregrinação realizada à cidade santa de Meca pelos muçulmanos, é obrigatória a sua realização pelo menos uma vez na vida do muçulmano adulto, desde que esteja física e financeiramente capaz; “Al Zakkat”, é o donativo, para Mazloum (2007, p.34) “o tributo é um exame para o muçulmano que possui finanças, sobre as quais é obrigatório ceder pequena parte dos bens que possui e gosta doando aos pobres e necessitados.”; “Al Khoms”, é o tributo; Recomendar o Bem; Advertência contra o Abominável, ou seja, proibir o mal; “Al Jihad”, é a militância; e Fidelidade aos “Ahlul Bait” (A.S), o Alcorão ordena os muçulmanos a estabelecer seu amor ao Profeta (S.A.A.S) e sua família (A.S).

Deve, além disso, cumprir certas regras alimentares: não pode se alimentar de carne suína, de animais e aves de rapina, de peixes que não possuam escamas, e ainda de animais caprinos, bovinos e galináceos que não tenham sido mortos segundo o ritual islâmico*, ou seja, não são hallal*, e não pode também, ingerir nenhuma bebida alcoólica. Ao ingerir qualquer desses alimentos, o muçulmano estará cometendo o haram*, que significa pecado, pois são alimentos proibidos aos muçulmanos.

O Islam é uma religião com forte presença em diversos países do mundo, porém é na região do Oriente Médio, norte da África e parte da Oceania que existem Estados Islâmicos. É, segundo o último senso realizado pela Organização das Nações Unidas (ONU), a religião que mais cresce atualmente no mundo, sendo que 25% da população mundial é muçulmana, aproximadamente um bilhão e quinhentos milhões (1.500.000.000) de habitantes. Atualmente no Brasil, segundo levantamentos, existem um milhão (1.000.000.000) de muçulmanos espalhados pelo território nacional, sendo que as maiores comunidades se encontram nas cidades de, São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro, Curitiba, Rio Grande do Sul e Foz do Iguazu.

A comunidade muçulmana no Brasil é composta por “descendentes de árabes, como libaneses que é a maioria, sírios, palestinos, egípcios e outras nacionalidades, somando-se a eles outros brasileiros convertidos” (khatlab, 1999).

A Mesquita⁴ é um lugar sagrado para os muçulmanos, onde eles se reúnem para realizar as suas orações diárias, que se aprende sabedoria e virtudes, princípios e práticas da religião islâmica, local onde os muçulmanos se congregam para realizar as suas orações diárias e para as orações de Sexta-feira.

De acordo com o Centro Islâmico do Brasil (2008), acredita-se que em todo o país existem mais de cem mesquitas e salas de oração, a maioria delas na cidade de São Paulo, onde se concentra a maior comunidade árabe do país, cinco mesquitas incluindo a primeira edificada na América Latina, a Mesquita Brasil⁵. Dentro de uma mesquita, há um salão de oração, constituído somente pelos artigos básicos necessários para a adoração dos muçulmanos.

Os árabes contam com diversas festividades ao longo do calendário anual. Na sua maioria, relacionadas à religião islâmica. O calendário utilizado para as celebrações religiosas é o lunar, que é regido pelas fases da lua. Os meses do calendário islâmico são: Muharam (30 dias), Safar (29 dias), Rabih al Awal (30 dias), Rabih al Tany (29 dias), Jamad al Awal (30 dias), Jamad al Tany (29 dias), Rajab (30 dias), Shaaban (29 dias), Ramadan (30 dias), Shawal (29 dias), Dho´ AL Koda (30 dias) e Dho´ al Hijja (29 dias).

As festividades e celebrações são: o primeiro dia do ano árabe (Hejra); Eid al Fitr, onde é celebrado o fim do jejum do mês do Ramadan; Eid al Adha, celebra o final do Hajj, é comemorado por todos os muçulmanos em todo o mundo; Ashura, é considerado um mês triste para todos os fiéis, são dez dias de luto pela morte do neto do Profeta Mohammad, o Imam Hussein (A.S.), é também celebrado o nascimento e morte do Profeta e toda sua linhagem. Os muçulmanos xiitas, celebram também o nascimento e a morte do Imam Ali e de Saída Fatima, ocasião em que se celebra o dia da mulher muçulmana, o genro e a filha do Profeta.

⁴ A palavra Mesquita é uma tradução do árabe; Masjid, que significa um lugar de prostração e são de suma importância, pois foram as primeiras instituições de ensino para os muçulmanos.

⁵ Foi primeira mesquita construída no Brasil que começou a ser erguida na década de 40, iniciativa que partiu de muçulmanos sírios e libaneses estimulando a construção de outras mesquitas no resto do país.

No campo das artes os árabes destingiram-se principalmente na arquitetura. Construíram palácios e mesquitas e as principais características arquitetônicas são as numerosas colunas esguias, os arcos em ferradura, cúpulas, decoradas por mosaicos e arabescos. O arabesco é um ornamento que emprega desenhos de flores, folhagens ou frutos para produzir um desenho de retas ou curvas entrelaçadas, e ele é empregado tanto na arquitetura quanto na decoração de objetos.

A língua árabe é empregada em diferentes dialetos do Marrocos ao Iraque. Entre os muçulmanos é considerada uma língua sagrada, já que foi por seu intermédio que o Alcorão foi revelado. O Islam considera a palavra escrita o meio por excelência da revelação divina. Por essa razão, a caligráfica se desenvolveu de forma rica e complexa, empregando uma ampla variedade de elegantes caracteres cursivos. A caligrafia era usada também como importante elemento decorativo na arquitetura e em peças utilitárias.

A culinária libanesa é uma arte muito refinada, capaz de satisfazer os paladares mais finos e exigentes, e o preparo de seus pratos, é um ato de amor e de reverência. O hábito de preparar e conservar alimentos perecíveis é muito antigo e típico de um povo acostumado, ao mesmo tempo, com a aridez do deserto e com os rigores do frio. Tudo pode ser conservado com sal e especiarias, em azeite ou vinagre, seco ao sol, ao vento ou no tempo: azeitonas, quiabos, tomates, pepinos, damascos, coalhadas, carne e etc. De maneira geral, come-se muito doce no Líbano não apenas como sobremesa, após as refeições, quando é mais comum oferecer-se frutas frescas ou secas. O café faz parte da tão conhecida hospitalidade árabe, é sinal de que a visita é bem-vinda e honrada por seu anfitrião. Para os árabes, as refeições são umas das suas mais marcantes forma de expressão, onde através da arte de comer, mantém vivas as raízes e tradições de um povo, preservando sua cultura nos diferentes cantos do mundo.

O Espaço de representação da cultura árabe em Foz do Iguazu

O espaço de representação da comunidade árabe muçulmana de Foz do Iguazu está relacionado com os aspectos culturais, mais especificamente a religião e

gastronomia. De acordo com Gil Filho (2003) a territorialidade esta presente em qualquer representação social cuja intenção seja definir as fronteiras de controle e apropriação de determinada realidade social. E necessário compreender o agir e pensar do individuo e sua compreensão sobre determinados fatos. Segundo Moscovici (1995)

As representações coletivas se constituem em um instrumento explanatório e se referem a uma classe geral de idéias e crenças (ciência, mito, religião, etc), para nos, são fenômenos que necessitam ser descritos e explicados. São fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar um modo que cria tanto a realidade como o senso comum. E para enfatizar essa distinção que eu uso o termo social em vez de coletivo. (MOSCOVICI, 1995, p.49)

As teorias das representações sociais fornecem auxílios para o entendimento da atuação da comunidade árabe muçulmana em um determinado espaço no tempo. Se expressarem, constroem sua realidade, suas concepções e entendimentos, através do dia a dia, na sua forma de pensar, agir, símbolos e linguagem utilizados. E a construção dos territórios por eles ocupados, aliados a multiterritorialidade, identidade e poder, o desenvolvimento do papel individual e coletivo na sociedade, a religião, símbolo, identidade, constitui seu espaço de representação, que esta mediado pelo entendimento e compreensão dos aportes culturais, próprios do universo consensual.

Sendo assim, compreender o espaço de representação da comunidade árabe muçulmana na cidade de Foz do Iguacu, no Paraná, faz-se necessário compreender o ser árabe muçulmano e a relação direta com uma historicidade, uma socialidade e uma espacialidade que constroem e registram marca por onde passam.

Estima-se que o primeiros imigrantes árabes chegaram na região do oeste do Paraná no ano de 1971, com o início da construção da usina hidrelétrica de Itaipu, fazendo com que muitos operários viessem à cidade, e os árabes viram nisso uma grande oportunidade comercial.

A comunidade árabe na cidade de Foz do Iguacu, é composta por 12 mil árabes, em sua maioria por libaneses e descendentes, seguidos pelos sírios, palestinos, jordanianos e por outras nacionalidades. Eles estão inseridos em todos

os bairros da cidade, principalmente no Centro e no Jardim Central, proporcionando o convívio de árabes e não-árabes, podendo aprender com a cultura local e ensinando a sua. A Cidade é considerada a segunda maior colônia árabe do país, a primeira é na cidade de São Paulo.

Motivados pelo comércio, especialmente pelo comércio paraguaio e pela busca de maior qualidade de vida, os árabes se instalaram em Foz do Iguazu, construindo casas e constituindo família, com a pretensão de fixar no Brasil.

De acordo com Cardozo (2004), a comunidade árabe dispõe de estrutura social com entidades representativas, espaços religiosos e gastronômicos, e seu patrimônio arquitetônico. A representação árabe na cidade pode ser observada pelas estruturas arquitetônicas estilo arabesco, desde as residências e comércio como a própria Mesquita, assim como as vestimentas bastante identificáveis com as mulheres islâmicas, na linguagem marca muito enaltecida por todos da comunidade e na culinária, com temperos e condimentos fortes, que a influência também é bastante perceptível.

A comunidade islâmica de Foz do Iguazu empenhou-se na construção da Mesquita, cuja pedra fundamental foi lançada em 1981. Após dois anos, em 1983, foi oficialmente inaugurada, levando o nome de Omar Ibn Al-Khatab. Está localizada na região central da cidade, na Rua Palestina, s/n. A área construída é de 600m², para oração consta essencialmente de uma sala oval de aproximadamente 400m², com capacidade para abrigar aproximadamente oitocentas pessoas em seu interior. No mesmo terreno, anexo ao pátio da mesquita, foi construído um Centro de Atividades Educacionais Árabe, uma escola árabe-brasileira.

Acontecem na mesquita, diversas celebrações todos os anos, aproximadamente 1.500 convidados participam de festividades como: o Aid Al Fitr que comemora o fim do jejum no mês do Ramadã, a do Sacrifício, do natalício do Profeta Mohammad, a ascensão do Profeta Mohamad de Meca para Jerusalém e outras, sem contar o culto semanal realizado somente às sextas-feiras, quando se reúnem aproximadamente duzentos fiéis para orar.

É uma construção suntuosa, estilo arquitetônico islâmico, com dois minaretes, uma cúpula e é cercada por arcos plenos por todo seu redor. Seu interior é repleto de detalhes arabescos e inscrições com versículos do livro sagrado nas

paredes. A sala para a realização das orações é coberta por tapetes e os espaços são separados para homens e mulheres.

É indiscutível a necessidade de adequação das localidades receptoras, salientando a importância do amparo de uma entidade voltada ao turismo que direcione o recebimento dos visitantes, possibilitando a adequação de estruturas e equipamentos, a imagem que um local transmite deve ser proporcional ao que realmente existe e é apresentado aos que visitam. Em virtude do exposto, é que se propõe a implantação de um Centro Cultural que possa expressar a cultura árabe em Foz do Iguaçu. No local, propõe-se haja apresentações culturais, gastronomia, arquitetura, poesia e demais atividades relacionadas a cultura árabe.

Considerações Finais

Pode-se concluir dizendo que, os libaneses criam espaços, às vezes com claras fronteiras culturais, em que procuram fortalecer-se como comunidade, buscando um diálogo longínquo com a terra natal, como uma tentativa de minimizar os efeitos da distância. A comunidade árabe em Foz do Iguaçu preserva características e costumes trazidos pelas primeiras levas de imigrantes árabes que chegaram ao Brasil, isso pode ser explicado devido aos valores culturais e religiosos, mantidos até os dias atuais.

A contribuição cultural que a comunidade oferece a cidade, é bastante diversificada, em termos de patrimônio cultural, gastronômica e costumes vistos claramente no cotidiano da cidade, como por exemplo o modo de se vestir e comportamento perante a sociedade iguaçuense.

Para que a comunidade tenha mais acesso a informações relacionadas a cultura, e que possa haver uma maior preservação dessa etnicidade é proposto a criação de um Centro Cultural Árabe, permitindo a comunidade participar mais ativamente do intercambio cultural entre os povos, consolidando a representatividade desta cultura através de estratégias diferenciadas, enfocando suas mais variadas faces como história, constituição social e modo de vida, verificando sua importância, dado o papel que ocupam na comunidade.

Referências Bibliográficas

AL-KHAZRAJI, Táleb Hussein. A oração no islam. 2.ed. São Paulo: Centro Islâmico no Brasil, 2004.

ATTIE FILHO, Miguel. Falsafa: a filosofia entre os árabes: uma herança esquecida. São Paulo: Palas Athena, 2002.

BIESEK, Ana Solange. Turismo e Interpretação do Patrimônio Cultural – São Miguel das Missões – Rio Grande do Sul - BR. 2004 - Dissertação de Mestrado Universidade de Caxias do Sul.

CARDOZO, Poliana, et al. A cultura árabe e o turismo em Foz do Iguacu. 2000. (Monografia de conclusão de curso). Grad. em Turismo. Universidade do Oeste do Paraná, Foz do Iguacu: 2000.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CLAVAL, Paul. A geografia cultural. 3.ed. Florianópolis: UFSC, 2007.

GIL, Sylvio F. F.. Igreja Católica Romana: fronteiras do discurso e territorialidade do sagrado. Tese de doutorado. Programa de Pós Graduação em História – UFPR. Curitiba, 2002.

HOURANI, Albert Habib. Uma história dos povos árabes. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

KHATLAB, Roberto. Brasil – Líbano: amizade que desafia a distância. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

MAZLOUM, Ahmad Osman. A educação espiritual no islam. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2007.



MOSCOVICI, Serge. Prefácio. GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs). Textos em representações sociais. 4ª. Edição. Vozes: Petrópolis, 1995.